

FLAMA

N.º 894 / ANO XXI / 23 DE ABRIL DE 1965 / 3.50

SYLVIE-HALLIDAY: c a s a m e n t o

EXCLUSIVO : CAÇA AO JAVALI EM TRÁS-OS-MONTES



NATALIE WOOD

OS NOSSOS REPÓRTERES NUMA BATIDA AO JAVALI NAS SERRANIAS DE TRÁS-OS-MONTES

TEXTO DE MANUEL VIEIRA
FOTOS DE J. CORREIA



Ribeira de Pena local da batida. Emoldurada por serras imensas é assim esta vila transmontana, serra cheia de tradições que datam do século XII e onde viveram poderosos senhores de boas graças da coroa. A igreja matriz de estilo barroco eleva-se sobre o casario. EM BAIXO. Manhã cedo os caçadores reúnem-se. Todos estão prontos para a batida. Trocam-se as últimas impressões. Dentro em pouco cada um cuidaria apenas de si.



Os javalis andavam fazendo estragos. A coberto da noite desciam aos terrenos de plantio mais chegados à serra e devastavam as culturas. O povo de Ribeira de Pena, vila bonita nascida entre montanhas, estava alarmado. «Destroem tudo». «A terra fica foçada que até parece ter lá andado um tractor». «Devoram as batatas e revolvem a terra semeada».

As pegadas dos javardos eram visíveis nos trilhos que conduzem ao rio, o Tâmega, que corre lá em baixo no fundo do vale. Os pinheiros, a meio metro do chão, apresentavam sulcos na casca. E neles que os porcos costumam aguçar as suas perigosas presas, mantendo-as afiadas como navalhas.

Bicho danado. Era preciso dar-lhes caça. Nunca se tinha feito uma batida. Os javalis eram mortos, raramente, por caçadores que andavam aos coelhos. Mas agora não. A batida iria realizar-se e a sério. Autêntica montaria.

A notícia despertou atenções. De Lisboa, Évora, Porto e de Vila Real partiram caçadores que se juntaram aos atiradores da região. Mais de cinquenta espingardas. Em cada mente um desejo: abater um javali. A antevisão do troféu animava a equipa.

A BATIDA

Depois de sorteadas as portas e distribuída a merenda, «jeeps» e camionetas transportaram os caçadores, serra acima, até aos seus postos. Iam-se tomando posições. Colocado o último atirador deu-se começo à batida. Um foguete foi a ordem de marcha para os batedores, mais de 300, que se encontravam a sete quilómetros da linha de caçadores. Homens e cães lançaram-se no rasto dos javalis. Eram 11 horas



vítima em pose fúnebre. Cabeçorrafeita, cerdas lamacentas e ásperas. Um macho que não tornará a causar estragos nas terras semeadas.



EM CIMA: De arma e microfone. José Duarte Pessoa, administrador florestal, em comunicação com os guardas que acompanhavam os batedores, não descuidada a sua atenção à mata. E tinha uma fé... Os javalis não colaboraram. Será para a próxima. EM BAIXO: Sobre as trilhas, os batedores transportam o javardo. Dentro em pouco, o bicho seria motivo da curiosidade geral.



Os minutos passavam. Mato adentro os batedores avançavam lentamente, que o terreno acidentado e de espesso matagal dificultava a marcha.

Nas portas os atiradores fixavam as corças da serra por onde o bicho acossado poderia surgir. Olhares atentos varriam a mata à sua frente. Escutavam-se os menores ruídos das moitas e silvados.

Acompanhados por guardas florestais (portadores de emissores de rádio que os mantinham em contacto entre si e ainda com um outro posto situado na linha), os batedores vasculhavam o monte palmo a palmo, gritando e deitando bombas para espantar as feras.

A emoção aumentava entre os da espera. Havia porcos na mata. Todos o sabiam. Mas onde iriam aparecer? Onde os conduziria a fuga? Era preciso ter boa pontaria e calma no disparo. Que javali não é caça vulgar. Vende cara a vida. Não receia a luta e quando encurralado ou mal ferido é bicho a temer. Castanhola os dentes, eriça as cerdas negras e adquire um rictus de maldade e perfídia. Os cães bem conhecem a sua sanha. Muitos têm encontrado a morte nos colmillos dos javardos, o animal mais perigoso da nossa fauna cinegética que, embora temendo o homem, não hesita em o atacar como derradeiro recurso de sobrevivência.

Os caçadores esquadrinham o terreno que se divisa das suas portas. São todos atenção. Nunca se sabe como o javali aparece. Pode vir a trote, escarpa abaixo, e entrar de frente na linha ou surgir cauteloso, tateando o campo de focinho no ar

BATIDA AO JAVALI

ouvido bem alerta. No javardo, o ouvido e o olfacto, apuradíssimos, substituem a vista deficiente. É hábil a esgueirar-se. Mesmo na fuga, o porco bravo preocupa-se em não deixar pista. Cruza as suas próprias pegadas e se encontra rio ou ribeiro ança-se à água. É perfeito estratega na retirada.

As horas passam. Já não podiam andar longe. Pelo rádio veio a notícia: Levantaram recos! Uma porca com três bácoros e dois machos. Estavam no tojo perto das fragas. Vão em direcção à linha!

A tensão aumenta. Os dedos colam-se nos gatilhos e os canos, mais firmes, visam a mata. O silêncio permanece. A espera continua.

TIROS: JAVALI ABATIDO

Ouve-se um tiro. Logo, outro. Depois mais nada. A interrogação percorre os ca-



Gente, paus e espingardas. Caçadores e batedores confundiam-se no fim da batida. Em primeiro plano, ao centro, o caçador vitorioso e o presidente da Câmara de Ribeira de Pena.

A iniciar a ceia, um caldo-verde bem quente reteve os caçadores. A batida terminara tarde e o frescor da noite fizera-se sentir.



A única senhora presente à batida. Madame Pap acompanhou seu marido na caçada. Ela vive intensamente estas jornadas cinegéticas.

çadores: Terá sido abatido? Quem o terá morto?

Haviam sido vistos seis porcos. Dois tiros eram pouco. Ali andava bicho. Pois que viesse!

Nada. Desesperante a passividade. O cansaço sobrepunha-se ao nervosismo. A batida já durava muitas horas.

Os batedores aproximavam-se da linha. Apercebiam-se as suas vozes. A primeira batida terminara.

Pela estrada, à nossa esquerda, aparece o primeiro grupo de caçadores e batedores. Estes, transportam sobre varas um belo exemplar de javali. Afinal mataram-no. Onde foi? Na porta 15. Nós estávamos na 20. Por pouco... Quem foi? O herói, Raul Menendez, vem sorridente. A proeza é felicitada. Conte, conte lá como foi...

«Ouvio à distância. Os cascos faziam rolar o cascalho pela encosta. Depois ele surgiu avançando em direcção ao local onde me encontrava. Não é visão vulgar. Torceu um pouco, ficou a tiro e eu disparei. A carga de zagalote obrigou-o a ajoelhar. Coisa rápida. Ergueu-se e prosseguiu na corrida. Disparei o segundo cartucho. Acertou em cheio. Rolou que parecia um coelho indo parar ao fundo da ravina». A caravana engrossava à medida que o grupo se acercava do local combinado para a reunião.

DESCANSO E MERENDA

Todos queriam ver o reco. A curiosidade dos populares suscitava comentários: «Este já não destrói mais sementeiras». «Eh bi-cho feio, que dentes tem!». «É porco p'ra quatro arrobas».

Era um mar de gente. Os batedores comiam a merenda e faziam honras a uma pipa de vinho. Falavam dos porcos avistados que se haviam escapado ao tiro e lamentavam o cão. Um cão estava ferido. Lutava com um javali. «Esse porco tem de morrer, é velho e sabido, abriu o peito ao cão e cão como aquele não há!» A opinião era geral: «Cão como aquele não há». Fomos vê-lo. Não era muito grande. Coelheiro, manso, cor de fogo, a quem já faltava um olho. No peito o sangue coagulado contornava ferida grande. Ele, coxeando, abanava a cauda, como que resignado, «pensando» serem ossos do ofício. Era a terceira vez que tal acontecia. Da última, o veterinário tinha feito o mila-



Raul Menendez mostra ao nosso repórter onde acertou a carga de chumbo. Dois tiros liquidaram o porco bravo.



Um grupo ao jantar. A esquerda, Francisco Pimentel, presidente da Câmara de Ribeira de Pena; padre Flávio Morais e Manuel Alvares Pereira, um dos organizadores da batida, caçador experiente que já abateu vários javalis.

Alfredo Pinto Coelho de Mendonça corta a cabeça a javali. O corpo, por ele arrematado no leilão, seguiu para Mondim de Basto, também terra de javalis.

gre. A cicatriz, ainda visível, indicava a extensão do anterior ferimento. Contamos o caso: «Levantando porco não o larga e salta a mordê-lo. Um javali para lhe fugir atirou-se ao rio e ele, zás lança-se à água, atrás dele. Mas na outra margem o reco atacou e abriu-lhe a barriga. Ficou com as tripas à mostra.

Já a mãe deste cão foi morta por um javali. Cão como este não há».

Os caçadores retomaram os seus postos. Havia uma segunda batida, esta mais curta, do Tâmega para riba.

Sem resultado. Levantou um javardo mas fugiu. A noite descia do alto das serras. Impunha-se o regresso.

Foi pena só terem abatido um porco. Foram sete os avistados. Sete e três raposas. Escaparam.

CONFRATERNIZAÇÃO EM RIBEIRA DE PENHA

No Grémio da Lavoura de Ribeira de Pena reuniram-se os caçadores em jantar regional. Todos bem dispostos. Contavam-se histórias de caçadas. Raul Menendez teve de repetir como matara o porco. Muito simples, quase tímido, o caçador agradecia os cumprimentos.

As senhoras deram-lhe um apontamento de elegância a contrastar com os trajos próprios dos caçadores.

Findo o jantar, o javali foi leiloado. Para o caçador que o matou ficava a cabeça, um belo troféu. O leilão despertou interesse. As paradas sucederam-se. Alfredo Pinto Coelho de Mendonça, presidente da Câmara de Mondim de Basto, arrematou-o. Custo: 1 150 escudos.

Estava terminada a montaria. Os caçadores despediram-se. Para alguns, naquela noite, ainda havia a cumprir muitos quilómetros de estrada.

Os organizadores da batida ficaram de parabéns. Todos prometeram voltar na próxima caçada.

Ribeira de Pena e a sua gente acolhedora já fazem parte das boas recordações.



O caçador e o troféu. Raul Basto Menendez não percorreu em vão os 560 quilómetros que separam Lisboa (onde reside) de Ribeira de Pena. É ajudante de despachante da Alfândega e um apaixonado pela caça. Disse-nos ser este javali a primeira peça de caça grossa que abateu.